

**Residências terapêuticas devolvem cidadania a pessoas com transtornos mentais**

Região tem 25 moradias; espaços auxiliam no processo de desinstitucionalização psiquiátrica

**THAINÁ LANA**  
thainalana@dgabc.com.br

O semblante preocupado e as severas linhas de expressão distribuídas pelo rosto denunciavam a difícil história de vida de Alaide Severino Sena, 72 anos, que precisou travar uma verdadeira batalha pela sobrevivência. Diagnosticada com esquizofrenia, a idosa possui histórico de internação em hospitais psiquiátricos desde a adolescência e, somente agora, recebeu a oportunidade de viver com mais autonomia e liberdade.

Alaide ficou internada por 10 anos no Hospital Psiquiátrico Bezerra de Menezes do Espírito Santo do Pinhal, no Interior, até ser transferida, há 46 dias, para Residência Terapêutica Espanha, no Parque das Nações, em Santo André, por possuir vínculo com a cidade. Ao lado de outros oito moradores, a idosa está reaprendendo a viver socialmente.

No Grande ABC existem 25 casas terapêuticas em seis cidades, locais que acolhem 147 pacientes – Rio Grande da Serra é o único município da região que não oferta serviço de moradia, apenas atendimento em nível ambulatorial. São Paulo dispõe de 325 unidades distribuídas pelo Estado.

O serviço de residência terapêutica é destinado, em sua maioria, para pacientes egressos de hospitais psiquiátricos, e é um importante alia-



## Residências terapêuticas devolvem cidadania a pessoas com transtornos mentais

**RECOMEÇO.** Alaide chegou há 46 dias à casa terapêutica de Sto. André e está em processo de adaptação para uma vida com mais autonomia e liberdade

do no processo de desinstitucionalização psiquiátrica, uma das vertentes da Luta Antimanicomial no País – movimento que luta pelos direitos das pessoas em sofrimento mental e advoga pelo fim da lógica manicomial nos cuidados em saúde.

A região não possui mais hospitais psiquiátricos, ou manicômios, como são conhecidos esses espaços. No Estado ainda existem 31 unidades,

sendo que 20 equipamentos foram fechados desde 2012.

Nos hospitais psiquiátricos de São Paulo ainda há 634 pessoas em internações com mais de dois anos, onde já são consideradas moradoras. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde, atualmente não existem moradores do Grande ABC referenciados nas unidades psiquiátricas do Estado.

Maria Aparecida Nardini da Silva, integrante da coordenação das residências terapêuticas de Santo André, explica as principais diferenças entre os dois modelos de tratamento à saúde mental. “Quando os moradores chegam nas residências, eles são totalmente dependentes, não se apropriam das casas, acham que não têm direito ao que é oferecido, porque no hospital psiquiátrico tudo é limitado. A partir da chegada nas casas começamos o trabalho de inclusão social e o processo para devolver uma vida que foi roubada deles. Cuidado, autonomia e ressocialização são os principais objetivos do serviço terapêutico, além de devolver para o usuário o direito de ser cidadão”, reforça.

### ADAPTAÇÃO

“O sanatório adoeceu minha pele, antes era lisinha, sem nenhuma ruga, agora estou toda enrugada. Quero fazer uma

plástica e me casar”, desabafa Alaide, que faz questão de demonstrar sua vaidade através das unhas pintadas de vermelho, da tiara de brilho e do colar de pérolas no pescoço.

A idosa está em fase de adaptação na casa. A nova rotina e a ausência de regras rígidas gera desconfiância na usuária, que carrega uma bolsa preta para todos os cantos da casa e não solta até mesmo para dormir.

“Sabemos que em alguns hospitais psiquiátricos existe muita disputa entre os pacientes. Alguns roubam itens e até mesmo a comida uns dos outros. Alaide está aprendendo que na residência terapêutica cada um possui suas coisas e que ninguém irá pegar nada dela. A liberdade de escolhas também é outro fator confuso para ela, muitas vezes questiona o porquê de ter que escolher o que vestir ou até mesmo o que comer”, conta a coordenadora das residências terapêuticas de Santo André, Ariana Aparecida da Silva.

### REFERÊNCIA NACIONAL

Santo André foi o primeiro município do Brasil a adotar os serviços residenciais terapêuticos, em 1999. Hoje, o município tem sete residências, com 42 moradores.

“Está no DNA da cidade a solidariedade e temos orgulho de ter sido o primeiro município do Brasil a abrir um residencial terapêutico. Esses espaços oferecem tratamento responsável e humanizado, com foco na reabilitação mental e, principalmente, com o objetivo de devolver a autonomia para esses pacientes”, ressalta o secretário municipal de Saúde, José Police Neto.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

**Seção:** Setecidades **Página:** 3